

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM SOBRE PUBERDADE COM EDUCANDOS

Ulanna Maria Bastos Cavalcante (1); Mayara Melo Pereira (2); Alexandra Fraga Almeida (3); Werena de Oliveira Barbosa (4); José Marden Mendes Neto (5)

Enfermeira, Mestre em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba, ulannacavalcante@hotmail.com (1); Enfermeira da Estratégia Saúde da Família –Icó- CE, may_melo1520@hotmail.com (2); Enfermeira, Especialista em Auditoria em Saúde, coordenadora da regulação regional em Garanhuns-PE, alexandra_falmeida@hotmail.com (3); Assistente Social, Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Natal –RN, werena19@hotmail.com (4); Enfermeiro, Mestre e Doutorando em Ciências Fisiológicas, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju – SE, marden.mendes21@gmail.com (5)

RESUMO: O crescimento nos casos de gravidez precoce entre adolescentes, bem como das doenças sexualmente transmissíveis estão entre os assuntos mais abordados atualmente. A adoção por parte dos adolescentes de hábitos de vida sexual saudáveis implica no conhecimento das atitudes que são responsáveis por torná-los mais vulneráveis aos problemas relacionados a sexualidade. O papel da educação sexual na escola se insere na articulação de momentos no interior da sala de aula ou no âmbito comunitário que promovam a prevenção e assim reduzam a vulnerabilidade dos adolescentes à gravidez precoce e ao risco de desenvolvimento das DST/AIDS. Nesse sentido o objetivo deste artigo foi relatar a experiência de graduandos de enfermagem com a prática de educação em saúde na escola com a temática puberdade com crianças de 10 à 13 anos de idade. Uma ação educativa em saúde foi implementada com o objetivo de informar e sensibilizar as crianças acerca do tema, explicitando os principais assuntos decorrentes das transformações que ocorrem no corpo e dirimindo as eventuais dúvidas. A aprendizagem das crianças foi avaliada por meio de gincanas (perguntas e respostas) com prêmios, posteriormente um desenho foi proposto para a observação da compreensão do assunto por parte dos alunos e ao final uma explanação geral foi realizada pelos graduandos. A importância de se criar momentos de problematização dos assuntos que se relacionam a saúde, dá-se na transformação da realidade, uma vez que, o conhecimento sofre ressignificação individual e responsabiliza-se pela mudança das práticas que culmina na redução dos problemas de saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Puberdade, Enfermagem em Saúde Comunitária.

INTRODUÇÃO

A adolescência é o período intermediário entre a fase infantil e a fase adulta, evidenciado pelas transformações ocorridas no desenvolvimento físico, mental, sexual e social. É assim o momento da vida onde o indivíduo mais se esforça para cumprir as expectativas da sociedade. Inicia-se entre os

10 ou 11 anos de idade com a puberdade, período caracterizado pelas mudanças biológicas corporais e mentais, e aos 19 anos, em média, se encerra com o completo crescimento e acomodação da personalidade (TENNER, 1962; D'ANDREA, 1997). É ainda uma fase dinâmica e cheia de complexidade em que as capacidades humanas são desenvolvidas e os parâmetros biológicos e comportamentais são

estabelecidos integrando o indivíduo no decorrer de sua vida (EISENSTEIN; COELHO, 2008).

Para que esse desenvolvimento ocorra da melhor maneira possível, a saúde é um importante fator, tornando-se necessário, em primeiro lugar uma adequação do sistema de saúde na manutenção de uma atenção especial a essa população e em segundo, ao jovem, em aprender a cuidar do seu bem-estar físico, emocional, psicológico, espiritual e social (CARTILHA DO ADOLESCENTE, 2016).

Com relação à nova orientação dos serviços de atenção à saúde, esta deverá considerar as especificidades dos clientes nessa fase da vida. Na atualidade a atenção integral é pautada na interação entre profissional e cliente, apesar desse modelo considerar o adolescente como sujeito e não mais como um objeto de investigação, ele ainda é superficial e mostra-se limitado em relação ao adolescente, pois não amplia a participação deste na gestão, avaliação e reconstrução do serviço. A mudança se faz necessária desse modo, no que diz respeito ao incentivo desse sujeito em tomar decisões na interação com o profissional de saúde e assim construir um novo saber que venha a beneficiar a relação saúde e bem-estar (RUZANY, 2008).

Sendo a puberdade um período complexo e de grandes transformações, os jovens, na sua maioria sentem-se envergonhados e

inferiorizados, têm dificuldade em dialogar com adultos e a informação torna-se indispensável prioritariamente no ambiente escolar (TAQUETT, 2008a; TAQUETT, 2008b; SILVEIRA et al, 2010; LIMA; RAMOS; BARBOSA, 2012).

Muitos estudos ressaltam a prevalência da desinformação entre os adolescentes acerca do tema sexualidade, principalmente nos anos iniciais da adolescência, onde a puberdade se estabelece, e que o gênero influencia a sexualidade, determinando o comportamento frente a todas as mudanças biológicas (GOMES, et al., 2002; LIMA; RAMOS; BARBOSA, 2012). Trabalhos mostram que adolescentes do sexo feminino carecem de mais informações sobre puberdade - mudanças corporais e maturação sexual em relação aos meninos, e a família não fornece as informações que esses jovens necessitam e quando fornecem muitas vezes são superficiais e inadequadas, obrigando esses adolescentes a procurarem amigos como fonte de orientação (BASSO, 1991; WELLINGS, et al, 2006; BRENNEISEN; SERAPIÃO, 2007; SILVEIRA et al, 2010; LIMA; RAMOS; BARBOSA, 2012).

A menstruação é cercada de mitos que remetem a antiguidade, inserida no inconsciente coletivo e que se torna um problema na medida em que esse fenômeno não é conhecido no seu verdadeiro

significado, sendo a família indispensável no estabelecimento de conceitos sobre a puberdade e quando os pais estão despreparados para lidar com o tema, maioria das vezes, muitos jovens desenvolvem problemas psicossociais sérios (D'ANDREA, 1997).

Uma das possibilidades para o aumento da informação sobre o tema entre os adolescentes é a implantação e implementação de debates sobre saúde sexual no âmbito escolar (BRENNEISEN; SERRAPIÃO, 2007; SILVEIRA, et al, 2010; LIMA; RAMOS; BARBOSA, 2012).

O elevado número de casos de DST/AIDS e gravidez entre adolescentes motivou a elaboração deste trabalho com crianças na fase da puberdade. Múltiplos estudos evidenciam a importância da educação sexual na escola, na perspectiva de orientação de crianças e adolescentes acerca da prática de hábitos seguros na vivência sexual, sendo extremamente importante o conhecimento do funcionamento do corpo e a desmistificação da sexualidade. A estratégia com a educação em saúde constitui uma possibilidade de prevenção e controle dessas doenças e redução da vulnerabilidade nesta faixa etária, sendo as atividades grupais, uma excelente estratégia na abordagem dessa clientela.

Nessa premissa, objetivamos relatar a experiência de educação em saúde vivenciada

por graduandos de enfermagem do 7º período, enfocando o tema puberdade com escolares de 10 à 13 anos que compõem uma turma de 5º ano do ensino fundamental I de uma Escola Municipal da cidade de João Pessoa – Paraíba.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência que resultou de uma atividade de educação em saúde, proposta pela disciplina que compõe o currículo da Licenciatura em Enfermagem “Estágio Supervisionado em Educação em Saúde I”, oferecida no sétimo período do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Paraíba.

A atividade ocorreu em maio de 2016 em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I de uma Escola Municipal da cidade de João Pessoa – Paraíba.

Participaram da ação, 45 adolescentes que tinham entre 10 e 13 anos de idade, a professora e uma monitora da escola. A ação se estabeleceu em dois dias, no primeiro dia ocorreu em uma hora e no segundo dia em duas horas, os horários utilizados foram o normal da aula da turma, vespertino.

No primeiro dia da atividade, objetivou-se a identificação dos principais assuntos que as crianças apresentavam como um problema,

que requeria uma abordagem detalhada e orientada, na perspectiva da experiência e da ressignificação do conhecimento, próprias da pedagogia libertadora. Nesse sentido, propôs-se as crianças que estas elaborassem um questionamento, uma dúvida acerca do tema sexualidade. A partir desse momento se identificou os principais pontos geradores de conflitos e dúvidas que foram discutidos.

A atividade foi desenvolvida mediante exposição dialogada com a utilização de data show, seguida de discussões para a problematização de mitos e dúvidas. A avaliação foi realizada com perguntas em bexigas e exposição oral dos alunos com um desenho das estruturas anátomo-fisiológicas estudadas. Utilizou-se a metodologia da problematização de Paulo Freire como estratégia de ensino.

A importância da metodologia da problematização se estabelece por permitir a elaboração do conhecimento de forma crítica e reflexiva a partir da realidade prática de cada um, o que favorece o cumprimento de mudanças e transformações da realidade (educação em saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis) (COSTA, 2012). O diálogo proporcionado por esse método constitui uma ferramenta importante na elaboração da reflexão acerca dos problemas enfrentados por todos, possibilitando assim a formação de cidadãos mais críticos, reflexivos

e mais ativos diante da realidade vivida (TORREZAN; GUIMARÃES; FORLANETTI, 2012).

Os registros das atividades se fizeram por meio de vídeos e fotografias, materiais escritos e desenhos. A posterior discussão e análise dos dados se fizeram por descrição da ação elaborada, pela avaliação da aprendizagem dos alunos e objetivos alcançados.

RESULTADOS

O relato é produto de uma ação educativa proposta pela disciplina Estágio Supervisionado em Educação em Saúde I, que compõe o sétimo período da Graduação em Enfermagem na Universidade Federal da Paraíba, na qual, se solicitou dos discentes, formarem grupos de três colegas e elencarem uma Escola do município de João Pessoa – PB onde desenvolveriam uma ação educativa em saúde.

Nos dias apazados, fomos a Escola proposta. Conhecemo-la, sua estrutura física e funcionamento, além de termos contato com a direção, coordenação pedagógica, professores e estudantes. Colhemos todo o histórico da instituição e verificamos com a direção e educadores alguns problemas de saúde que integram aqueles alunos, dentre os quais, destacam-se: pediculose, falta de higiene, hábitos de vida saudáveis, primeiros socorros

e transformações corporais na adolescência – puberdade.

Em conjunto com professores e estudantes do 5º ano, escolhemos o tema puberdade, visto que é uma temática condizente com a faixa etária escolhida para essa ação de educação em saúde. Consideramos esse tema abrangente e que até permite a prevenção do desencadeamento de outros problemas que podem acometer pessoas na etapa da puberdade, tais como: bullying, medo, ansiedade, gravidez precoce, sofrimento mental, preconceitos, entre outros.

A atividade foi realizada com adolescentes de 10 a 13 anos, numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da cidade de João Pessoa-PB. A fim de manter mais específica possível a nossa abordagem sobre puberdade, inicialmente investigou-se, com os próprios alunos, suas dúvidas e indagações solicitando que estes escrevessem questões que seriam esclarecidas durante nossa exposição dialogada. Com as perguntas em mãos, realizou-se a análise desses questionamentos onde prevaleceram dúvidas sobre menstruação, mudanças fisiológicas ocorridas nesse período vital e gravidez.

Montamos a discussão expondo o tema puberdade com a utilização de um Datashow, onde projetamos em slides a definição de menstruação, gravidez,

puberdade e fecundação. Utilizando imagens, apontou-se as regiões anatômicas internas e externas dos órgãos sexuais, as mudanças fisiológicas que ocorrem no organismo masculino e feminino, como deve ser realizada e a importância da higiene íntima e corporal. Após esse período abrimos a discussão com a turma, a fim de responder dúvidas ainda existentes e durante esse momento os adolescentes questionaram acerca de situações íntimas do seu processo de vida ligadas ao tema.

Para avaliar o aprendizado destes alunos, propôs-se a elaboração de um desenho. A sala foi dividida entre meninos e meninas os quais foram orientados a, utilizando um papel madeira e lápis, desenhar o formato do corpo conforme o gênero do grupo e as principais mudanças ocorridas no período da puberdade. Após isso, solicitamos que um aluno do sexo masculino e uma aluna do sexo feminino viessem ao quadro para expor o desenho e comentá-lo com toda a turma. Num segundo momento, indagações elaboradas pelos graduandos foram colocadas no interior de bexigas, estes questionamentos abordavam o tema, para que os alunos lessem e respondessem as mesmas refletindo a sua realidade, as perguntas versavam: o que é puberdade? Cite e explique três componentes anatômicos que sofrem alterações no corpo da menina e do menino durante a puberdade.

Quais os hormônios envolvidos na puberdade? O que é fecundação e explique-a. Quais os cuidados que devemos ter com relação a higiene corpórea? O que é menstruação? O que é poluição noturna? Desse modo o aluno que estourasse a bexiga discorrendo corretamente sobre a temática ganhava um prêmio.

DISCUSSÃO

As ações de prevenção à saúde, constituem um importante mecanismo que possibilita de forma eficiente o estabelecimento de conhecimentos e percepções das atitudes que levam a maior vulnerabilidade de risco à saúde. Esse fato torna-se indispensável, pois desenvolve a formação de indivíduos mais conscientes dos determinantes de risco à saúde, sendo ferramentas estratégicas para jovens que tornam-se mais vulneráveis por desejar experimentar o desconhecido (SOUZA et al., 2007).

Quando inicialmente buscou-se à escola e em conjunto com a direção e educadores decidiu-se o foco da ação em saúde, ou seja, o problema de saúde ao qual se desenvolveria uma ação integral de saúde, e se analisou o que está a definir aquele problema – o que explica a existência dessa problemática e como se abordaria tal assunto de maneira a traçar caminhos resolutivos, demonstrou-se consonância com a literatura que reflete a

habilidade de problematização, a qual surge da capacidade de integrar coerentemente três momentos: identificação do problema, explicação da problemática e proposições de soluções, assim formulando o alvo/foco da ação educativa (ZANOTTO; ROSE, 2003).

Ações educativas nesse sentido, são necessárias no ambiente escolar por esse local proporcionar a aprendizagem. Estudos mostram que existe uma grande porcentagem de adolescentes que entram na fase de mudanças biológicas sem ter o mínimo de informações sobre puberdade, o que se torna um problema quando não se compreendem os processos fisiológicos envolvidos no desenvolvimento e muitos desses adolescentes sentem-se inferiores, ficam envergonhados e até são criticados por outros que ainda não estão vivenciando essa fase da vida (GOMES et al., 2002; BRENNEISEN; SERAPIÃO, 2007; LIMA; RAMOS; BARBOSA, 2012).

Uma característica importante foi a serenidade dos graduandos, a compreensão com as crianças, tendo em vista essa fase da vida, mostrando que já vivenciaram essas alterações que ocorrem no corpo e que estavam dispostos a conversar com eles de forma amigável, assim estabelecendo um vínculo de confiança. Percebeu-se que após isso os educandos se mostraram mais solícitos, empenhados na dinâmica da ação

educativa e interessados em aprender sobre puberdade, o que se assemelha com os resultados obtidos por outros estudos (ALENCAR, et al., 2008; COSTA, et al., 2012).

É importante proporcionar um ambiente de vínculo para que a posterior aprendizagem seja estabelecida, considerando o saber particular de cada púbere, mesmo permeado a mitos e quase sempre incorretos sobre puberdade. Observou-se que no decorrer da ação eles foram sendo modificados e refletidos, estabelecendo um novo conhecimento, o que corrobora com a literatura, onde os conceitos cotidianos dos alunos no tocante a fisiologia, anatomia e saúde, foram sendo modificados por conhecimentos próprios e científicos essenciais à emancipação destes (MAIA, et al., 2012).

À medida em que a ação de educação em saúde se estabelecia percebeu-se a preocupação das crianças, levantando questionamentos acerca da exposição sobre a puberdade: o que se deve fazer?, como se deve fazer? “como é o correto? Notoriamente foi a preocupação das crianças participantes com atitudes desenvolvidas por elas frente ao processo de mudanças biológicas e quais os hábitos saudáveis que poderiam adotar, bem como atitudes beneficiadoras de saúde. Esses resultados confirmam com os encontrados na

literatura, onde a aquisição de novos conhecimentos se traduzem em práticas e atitudes saudáveis que beneficiam a qualidade de vida dos indivíduos (SOUZA, et al., 2007). Verificou-se a necessidade de criar e implementar no projeto político pedagógico escolar uma disciplina de educação em saúde sexual que venha a combater a falta de informações acerca da adolescência, sexualidade e puberdade tendo em vista que muitos adolescentes passam por essa fase sem ter ideia do que estão a vivenciar e muitas vezes são psicossocialmente prejudicados, sendo que as meninas sofrem mais por terem suas características mais amostra. Também deve-se cuidar do acompanhamento dos professores, para que se tornem fontes confiáveis de informação em educação sexual. Essa análise está em conformidade com estudos que refletem essa necessidade no âmbito nacional (GOMES, et al, 2002; BRENNEISEN; SERAPIÃO, 2007; COSTA, et al., 2012). Além disso, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) preconiza a abordagem em sala de aula da educação sexual como tema transversal a fim de fornecer informações para os adolescentes acerca do tema sexualidade e ainda que os professores tenha acesso a formação específica para que os conteúdos relativos ao tema sejam abordados de modo eficaz (PCNs, 2016).

Apesar da necessidade da abordagem em sala de aula, estudos recentes mostram que os educadores se interessam em discutir a temática de educação sexual em sala de aula, porém refletem que o despreparo técnico e emocional são fatores ainda geradores de conflitos e que estão diretamente correlacionados com a não incorporação da educação sexual nos conteúdos de sala de aula (ALMEIDA, et al, 2011). Paralelamente a preocupação do docente, está o anseio da família em que a escola se torne um espaço que promova a educação sexual dos seus filhos, que em muitos casos iniciam precocemente a atividade sexual sem a mínima informação (VILLELAS-JANEIRO, 2008)

A avaliação da aprendizagem foi evidenciada pelo interesse, motivação e respostas aos questionamentos, ao criar um ambiente de competição entre meninos e meninas viu-se que todos interagiam para responder as perguntas corretamente. Ao se estimular a elaboração do desenho com as estruturas anatômico-fisiológicas púberes que mudavam nesta fase da vida, percebeu-se o estabelecimento de novos conhecimentos acerca principalmente das mudanças físicas nesta fase do ciclo vital que requeriam sobretudo uma eficaz higienização.

CONCLUSÃO

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

A educação em saúde se configura desse modo uma importante ferramenta para a promoção de saúde, tanto no âmbito individual, familiar e comunitário na prevenção dos principais agravos a saúde. Viu-se o quanto é necessário a discussão de assuntos relativos a saúde na escola, observou-se alunos desinformados quanto ao seu processo vital e o quanto acreditam em mitos que atrapalham até mesmo o seu desempenho escolar.

Nesse contexto se faz necessário o desenvolvimento e formação dos professores para otimizarem suas aulas e poderem de fato implementar as orientações que são tão imprescindíveis para a formação de cidadãos conscientes dos aspectos de sua saúde e participantes próprios da adoção de práticas e hábitos que venham a beneficiá-la.

Além dos professores e alunos, a família e a comunidade são importantes nesse processo, pois é bem mais fácil conseguirmos resultados promissores, uma vez que ocorra o engajamento de toda a família, apoiando as iniciativas da escola na formação de indivíduos emancipados e discernentes sobre sua saúde.

REFERÊNCIAS

ALENCAR R. A.; SILVA, L.; SILVA F. A.; DINIZ, R. E. S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes, **Ciência e educação**, v.14, n.1, p.159-168, 2008.

ALMEIDA S. A.; NOGUEIRA, J. A.; SILVA, A. O.; TORRES, G. V. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v.32, n.1, p.107-113, 2011.

BASSO S. C. **Sexualidade Humana**. O.P.A.S.-O.M.S.: Brasília; 1991.

BRENNEISEN I.; SERAPIÃO C. J. Percepção e grau de informação sobre saúde sexual, entre estudantes, do ensino fundamental e médio: estudo de caso. **O mundo da saúde São Paulo**, v.31, n.3, p. 448-453, 2007.

Cartilha do adolescente p. 4 [S.I.]. Brasília: Ministério da Saúde – portal da saúde, 2016. Disponível em:<
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cf?m?id_area=241>. Acessado e citado em: 18/05/2016 às 18:32:23

COSTA D.A.R.S.; SILVA, R.A.R.; DAVIM R. M. B.; SILVA, R. K. C. S. Educação em saúde sobre doenças sexualmente

transmissíveis com adolescentes: um relato. **Rev. enfermagem UFPE on line**, v.6, n.9, p. 2312-2317, 2012.

D'ANDREA F. F. Adolescência. In: Flávio Fortes D'Andrea, (Org.). **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. Rio de Janeiro: Bertrans Brasil, p. 84 -108, 1997.

EISENSTEIN E., COELHO K. Crescimento e desenvolvimento puberal. In: RUZZY M. H., GROSMANN E., (Org.). **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: editora do Ministério da Saúde, p. 57-75, 2008.

GOMES W. A.; COSTA M. C. O.; SOBRINHO C. L. N.; SANTOS C. A. L. T.; BARCELAR, E. B. Nível de conhecimento sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de pediatria**, v.78 n.4, p.301-8, 2002.

LIMA K. J.; RAMOS D. M. B.; BARBOSA A. A. D. The various concepts of teenagers sexuality influencing their preventive and contraceptive attitudes. **Rev. enfermagem UFPE on line**, v.6 n.1, p. 2545-255, 2012.

MAIA, A.C.B, EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a

partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.17, n.1, p.151-156, 2012.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCNs [Internet]. João Pessoa: Secretaria de Educação Básica, 2016. Acessado e citado em: 18/05/2016, às 14:34:02. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=859&catid=195%3Asebeducacaobasica&id=12657%3Aparametroscurriculares-nacionais-5o-a-8o-series&option=com_content&view=article

RUZANY M.H. Atenção à saúde do adolescente: mudanças de paradigma. In: RUZANY C. F., GROSMANN E., (Org.). **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: editora do Ministério da Saúde; 2008; p. 21-25.

SILVEIRA A., DONADUZZI J. C., PEREIRA A. D. A., NEVES E. T. Sexual education for adolescents: a participatory research approach in the school. **Rev. enferm. UFPE on line**, v.4, n.1, p.149-155, 2010.

SOUZA, M. M.; BRUNINI, S., ALMEIDA, N. A. M.; MURANI, D. B. Programa educativo sobre sexualidade e DST: Relato de experiência com grupos de adolescentes.

Revista brasileira de enfermagem, Brasília, v.60, n.16, p. 102-105, 2007.

TAQUETT S. R. Sexualidade na adolescência. In: RUZZY M. H., GROSMANN E., (Org.). **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: editora do Ministério da Saúde; 2008; p. 205-212.a

_____. Doenças psicossomáticas. In: RUZZY M. H., GROSMANN E., (Org.). **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: editora do Ministério da Saúde, p. 113-118, 2008.

TENNER, J. M. **Growth at adolescence**. 2ª ed. Oxford: Black well, 1962

TORREZAN, R. M.; GUIMARÃES R.B.; FURLANETTI M.P.F.R. A importância da problematização na construção do conhecimento em saúde comunitária. **Trab. Educ. Saúde**: Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.107-124, 2012.

VILELAS-JANEIRO, J. M. S. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v.29, n.3, p.382-90, 2008.

WELLINGS, K.; COLLUMBIEN, M.,
SLAYMAKER, E., SINGH S., HODGES Z.;
PATEL D. Sexual Behaviour in context: a
global perspective. **The Lancet sexual and
reproductive**, v.5, n.3, p- 23-34, 2006.

ZANOTTO, M. A. C., ROSE T. M. S.
Problematizar a própria realidade: análise de
uma experiência. **Educação e pesquisa**, São
Paulo, v. 29, n. 1, p. 45-54, 2003.